

ENTREVISTA

Margarida Hofmann Windholz

Bruna Colombo dos Santos¹, Amílcar Rodrigues Fonseca Júnior²



(Foto do arquivo familiar)

Maggi, diminutivo alemão de seu nome, com o qual era costumeiramente chamada essa alemã de nascimento, mas brasileira convicta, deu a presente entrevista em março de 2017, para Bruna Colombo dos Santos¹ e Amílcar Rodrigues Fonseca Júnior,² que inicialmente seria publicada na revista *Operants* da B. F. Skinner Foundation. Mudança dos editores e de seus planos, deixaram na gaveta esse documento que agora divulgamos, graças à autorização dos entrevistadores e de seus quatro filhos.

A entrevista é um precioso documento que merece ser divulgado por Maggi ter sido o que foi e fez, pioneiramente, – como se verá pelo relato abaixo – para a implantação no Brasil da Análise Comportamento Aplicada, especialmente para pessoas com deficiência, e também pelo ensino da observação comportamental, no Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

É dela o primeiro relato publicado entre nós de um estudo com um autista, da primeira escola brasileira moldada totalmente nos preceitos da Análise Comportamental, do primeiro livro, em português, para o ensino de habilidades básicas para pessoas com necessidades especiais e muitas outras importantes e continuadas contribuições para o desenvolvimento da Análise Comportamental no Brasil e para o ensino da Observação Sistemática, algumas das quais constam em seu relato a seguir.

Foi amiga de Fred S. Keller, a quem chamava de seu pai intelectual, de Burrhus F. Skinner e de importantes pioneiros da Análise Comportamental, tendo tido intenso relacionamento com muitos deles, alguns dos quais vieram ao Brasil, para cursos e acompanhamento de seu trabalho na escola especial da qual foi cofundadora. Sejam exemplos: Charles B. Ferster, Donald M. Baer, Sidney W. Bijou, Robert Vance Hall, Jack Michael, Donald Baer, Richard Malott, bem como a estes a quem frequentemente visitava (além de Keller que, quando no Brasil, quase todas as vezes se hospedou na casa dela e ela na dele, nos Estados Unidos): Murray Sidman, Francis Horowitz, Lenore Podwitz e Garry L. Martin.

Antônio Jayro da Fonseca Motta Fagundes³

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

² Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).

³ Instituto Lahmiei (UFSCar). Espectro - Editor *ad hoc*. Contato: profjayro@profjayro.com.br. Como ex-aluno, admirador da Maggi, editor do seu "Passo a passo, seu caminho" e quem a encorajou a republicá-lo e que, em fins de 2016, a indicou aos entrevistadores para que tomassem o seu depoimento (e fazendo jus ao que Maggi dizia de eu ser mais perfeccionista do que ela, quando colaborava na revisão de alguns de seus textos, inclusive desta entrevista, naquela ocasião), agora acresci a ela algumas notas (NE).

Com quase 92 anos, Maggi faleceu aos 8 de janeiro de 2018 em Naharyia, Israel, onde estava morando desde 1982, sendo sepultada ao lado de seu esposo, com quem convivera 70 anos.

1) Conte-nos como se deu seu interesse pela Psicologia e pela Análise do Comportamento.

Eu venho de uma família judia que sempre se dedicou a atividades sociais. Assim, desde que comecei a pensar em uma profissão, meus interesses se voltaram para as áreas de Ciências Humanas, Psicologia e Serviço Social.

Em 1936, meus pais saíram da Alemanha para o Brasil, escapando de serem presos pela Gestapo (serviço secreto). Com a vinda de grande número de refugiados judeus da Alemanha e de outros países da Europa, havia necessidade de ajudar essas pessoas a se integrarem no novo país. Meus pais se empenharam para ajudar na adaptação dos recém-chegados: ele, criando atividades comunitárias e religiosas e ela, fundando e dirigindo um Lar de Crianças.

Nessas atividades, junto com outros voluntários, meus pais e eu colaborávamos com a psicóloga Dra. Betti Katzenstein-Schoenfeldt, também vinda da Alemanha, onde fizera doutorado com o Prof. William Stern. Ela foi a primeira psicóloga infantil em São Paulo, onde deixou marcas profundas⁴.

Com 16 anos, fiz um estudo vocacional com a Dra. Betti, que confirmou minhas inclinações. Durante minha adolescência, já pegava emprestados livros de Psicologia da biblioteca do Mackenzie College, que frequentei. Enquanto terminava meus estudos primários e secundários, fiz também cursos de datilografia e taquigrafia, português e inglês.

Terminado o Ginásio, trabalhei como secretária bilíngue (português-inglês) numa

firma comercial, para ajudar em casa. Ao mesmo tempo, Dra. Betti me aceitou como ajudante-secretária, e assim entrei na área de Psicologia e Serviço Social, indo com ela a visitas domiciliares de famílias de refugiados, a jardins-de-infância, associações para deficientes físicos e mentais e ajudando em pesquisas que ela realizava. Ao mesmo tempo, ela me indicava (e cobrava!) leituras de Psicologia, especialmente na área de desenvolvimento. Pude também fazer atividades com crianças no seu consultório. Foi meu início.

Casei com 19 anos e logo vieram os filhos. Ao mesmo tempo em que cuidava deles e da casa, continuei trabalhando com Dra. Betti⁵ e com projetos para me formar psicóloga. Naquela época não havia um curso universitário específico de Psicologia. Quem queria se aprofundar em Psicologia, entrava na Faculdade de Filosofia ou de Educação. Assim, fiz vários cursos: de 1951 a 1953, estudei na Escola de Sociologia e Política, da Universidade de São Paulo, com ênfase em matérias de Psicologia, e, mais tarde, fiz a Escola Normal (formação de professores para o Ensino Primário).

Quando, em 1958, surgiu o primeiro curso de Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, nele me inscrevi e fiz parte da primeira turma de formandos. Nesse curso, em 1961, tivemos a sorte e o privilégio de ter aulas de Psicologia Geral e Experimental com o Prof. Fred S. Keller, vindo como professor visitante. Foi uma revelação, me identifiquei logo com a linha nova que ele trazia para o Brasil, a Análise do

⁴ A trajetória da Dra. Betti, incluindo um vídeo no qual dei depoimento sobre ela, está sintetizada em: Taverna, C. S. R. (Coord.). (2022, 26 de setembro). *Projeto Memória da Psicologia do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo: Betti Katzenstein, uma psicóloga do século XX* (vol. 3). <http://www.crpsp.org.br/memoria/betti/default.aspx> [NE. Todos os links originais, indicados pela Maggi em 2017, foram atualizados, para possibilitar o acesso a eles.

⁵ NE. Fred S. Keller e Betti Katzenstein-Schoenfeldt eram tidos por Maggi como seus pais intelectuais, pela continuada e incommensurável influência que exerceram sobre sua vida profissional e acadêmica.

Comportamento e sua maneira de pesquisar, e, desde então, comecei a estudar e acompanhar tudo que era publicado naquela época, nessa área. Devo ter sido uma das primeiras brasileiras a assinar o *Journal of Applied Behavior Analysis (JABA)*, o *Journal of the Experimental Analysis of Behavior (JEAB)* e outras revistas de Análise Comportamental (AC). Como trabalhava em Psicologia Clínica, meu interesse voltou-se para a aplicação dos princípios da AC aos casos que atendia nela e nas instituições em quem atuava.

2) Você foi umas das alunas do Prof. Fred S. Keller no curso ministrado na USP, nos anos 60. Para o desenvolvimento da AC no Brasil, que importância você atribui à atuação do Prof. Keller, seja por seu modo peculiar de ser, seja por sua extensa e prolongada participação entre nós?

A atuação do Prof. Keller foi fundamental para o desenvolvimento da Análise do Comportamento no Brasil. Acredito mesmo que podemos falar de um período **BK** (*Before Keller*) e **AK** (*After Keller*). Sem dúvida, suas características pessoais, sua qualidade impar como professor, sua abertura para o Brasil e os brasileiros, ao introduzir para nós uma nova linha de pensar e atuar ciência, foram responsáveis por criar um núcleo de entusiastas, que ele chamava de sua “gang”, que, com sua ajuda e encorajamento, tornaram-se multiplicadores de sua abordagem e começaram um novo capítulo em Psicologia, e que, aos poucos, difundiram e desenvolveram a Análise Comportamental no Brasil.

Com seu incentivo, brasileiros foram estudar nos Estados Unidos e lá fizeram doutorado (da nossa primeira Turma: Maria Amélia Matos, Dora Fix Ventura e Maria Ignês Lacey) e começou também a vinda de professores americanos para o Brasil. Gilmour Sherman chegou logo depois de Keller e

professores convidados vieram dar cursos (entre eles: Gary L. Martin, Jack Michael, Donald Baer, Sidney Bijou e Robert Vance Hall e mais tarde, Murray Sidman). Hoje o Brasil tem o segundo (ou o terceiro) maior número de analistas de comportamento no mundo.

Ao terminar o ano e a estadia dos Kellers no Brasil (ele e sua esposa Frances), tive a honra de ser eleita para representar a classe, por ocasião de sua despedida, no dia 11 de dezembro de 1961. A reprodução de um trecho da minha fala de despedida, traduz nossos sentimentos, naquela ocasião:

“I would like to recall the first of your classes, at Cidade Universitária. As always after, you stated clearly and precisely what you were going to do. You defined your position in Psychology as an Experimental Psychologist, interested in the field of learning from the standpoint of reinforcement theory. And you expressed the hope of finding that, after the end of the term, you would leave behind at least one or another “convert”, not by faith, not because people liked you (they certainly did), not because you were a good teacher (which you really are) but because your teaching had convinced us that your approach was fruitful.

This last year was especially marked by your classes and our work under your guidance. During these years at the University, many times there was a feeling in some of us of not having found what was sought. We could not define nor describe it, but suddenly this year we found out, we knew this is what we had been looking for, what we were searching. It was the approach, the way of working, the kind of theorizing, it was the feeling: this is Experimental Psychology, this is science. It was the happy combination of science and man. It was your presence and guidance, your interest in us and our work, your warmth, your attitude toward the country and its students... Thanks for your true stories and also for those not so

true, but quite as amusing. Thanks for your helpfulness and guidance, for your patience, for never complaining and never comparing, but always trying to understand. Thanks for your faith in science and man, for your enthusiasm. Thanks for the yearning of those who always stay young, because there is always a new field for them to explore, always some more work calling them to go on and lead the way. In short, thanks for being Fred S. Keller.

Prof. Keller e esposa voltaram ao Brasil novamente em 1964, quando ele foi fundamental na organização do novo Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB)⁶, introduzindo o PSI - *Personalized System of Instruction*, (também chamado Método Keller⁷). Em cada uma de suas vindas subsequentes ao Brasil, para participar de Congressos, tive oportunidade de encontrá-lo, inclusive hospedando-o e D. Frances, em nossa casa. Por sua vez, eu ficava hospedada em sua casa nas minhas idas aos Estados Unidos.

3) Você teve algum contato com B. F. Skinner? Se sim, poderia descrever como foi e quais as suas impressões sobre ele.

Tive a sorte e a oportunidade ímpar de conhecer o Prof. Skinner, por ocasião da

Convenção Anual da *American Behavior Association (ABA)*⁸, em Milwaukee, em maio de 1989⁹, que prestava homenagem aos 90 anos do Prof. Keller, Convenção na qual estive como representante da sua “gang” brasileira.

Prof. Keller me apresentou a Skinner como sua ex-aluna e amiga, como pioneira na introdução da aplicação da Análise Comportamental no Brasil e como fundadora, em 1972, da primeira escola brasileira¹⁰ com metodologia comportamental para crianças e jovens com severas deficiências mentais e físicas.

Skinner interessou-se pela escola e contei a ele um pouco de nosso trabalho, na ênfase em usar reforçamento positivo e na rejeição do uso de consequências punitivas, das dificuldades que tivemos, bem como dos sucessos, culminando com o lançamento do meu livro “*Passo a Passo, Seu Caminho. Um Guia Curricular para o Ensino de Habilidades Básicas*”, publicado em 1988, ano anterior à Convenção. O interesse que Skinner demonstrou pelas nossas atividades constituiu uma grande honra para mim.

Terminado o Congresso, viajei com os professores Keller, Skinner e Sidman para Boston, onde tive oportunidade de conviver com eles num ambiente informal e

⁶ NE. Segundo João Cláudio Todorov, que viria a ser professor e, mais tarde reitor da UnB, em 1963 “os planos para um departamento de psicologia em Brasília foram discutidos com Keller em Nova Iorque” antes mesmo de sua vinda, em 1964. Disponível em: Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia (2022, 26 de setembro). *História do IP & professores eméritos: Breve história da Psicologia na UnB.* http://ip.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=426&Itemid=498#:~:text=O%20curso%20de%20gradua%C3%A7%C3%A3o%20em,20%20de%20junho%20de%201974

⁷ Keller introduziu o PSI para que estudantes brasileiros pudessem aprender os princípios da AC. Retornando aos Estados Unidos, seu método de ensino passou a ser difundido mais amplamente. Uma revisão sobre o PSI e sua revalorização pode ser vista em: Eyre, H. L. (2007). Keller's personalized system of instruction: Was it a fleeting fancy or is there a revival on the horizon? *The Behavior Analyst Today*, 8(3), 317–324. <https://doi.org/10.1037/h0100623>

⁸ Chair, M. S. (1989, May 25-28). *Symposium: Keller and the brazilian connection.* Association for Behavior Analysis Annual Convention, Milwaukee, WI.

⁹ NE. Skinner veio a falecer não muito tempo depois, de leucemia, aos 18 de agosto de 1990, em Cambridge, Massachusetts, EUA.

¹⁰ NE. Escola da Carminha (Centro de Aplicação e Reabilitação do Excepcional – CARE).

descontraído. Senti haver entre Skinner e Keller uma relação muito especial, com respeito mútuo, ao mesmo tempo diálogos bem-humorados. Ficou para mim uma imagem de Skinner de muita força e também de fragilidade, talvez devido à doença que o levou um ano mais tarde.

4. Você é uma das pioneiras da Análise do Comportamento no Brasil, especificamente da Análise Aplicada do Comportamento para pessoas com necessidades especiais, em ambiente escolar e na clínica. Conte-nos como foi aplicar AC nesse contexto.

Preciso contar um pouco da minha história, para responder. Em 1960, enquanto cursava o curso de Psicologia, na Universidade de São Paulo, também assumi a direção da escola-internato do Centro Israelita de Assistência ao Menor (CIAM), para crianças e jovens com deficiências de desenvolvimento e problemas de comportamento. Fundado por um grupo de pais e reconhecidos profissionais da comunidade. Fui cofundadora dessa instituição.

Sob influência dos cursos ministrado por Keller e de suas publicações, especialmente sobre PSI (*Personalized System of Instruction*), procurei aplicar algumas propostas de Análise Comportamental no ambiente escolar, com relação ao planejamento do ensino, em unidades menores, respeitando o nível de conhecimento dos nossos alunos e introduzindo técnicas de reforçamento. Foi um começo.

Após concluir o bacharelado e a licenciatura, trabalhei na minha tese de doutorado, nos anos 1963 a 1968, com Bolsa da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Após defender tese de doutorado em 1969, fui convidada pela Profa. Carolina Bori, na ocasião chefe do Departamento de

Psicologia Experimental, para o cargo de Assistente-Doutora do que viria a ser o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Ao me contratar, Dra. Carolina manifestou o desejo de aproveitar minha experiência de 20 anos em clínica, para dar os primeiros cursos de Análise Comportamental Aplicada, aos alunos de Pós-Graduação do Departamento (ministrei dois: Observação do Comportamento e Modificação do Comportamento).

Minha ligação com a escola do CIAM deu oportunidade aos meus alunos de estagiarem lá e realizarem pesquisas. Assim pudemos oferecer experiência prática a dezenas de estudantes universitários e, mais tarde, a outros profissionais: psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos etc.

Em 1971, com Bolsa da FAPESP, passei um mês nos Estados Unidos, em Kalamazoo, Michigan, hospedada na casa do Prof. Keller e Frances, sua esposa. Ele me possibilitou manter laços com todos os professores e pesquisadores de Análise Comportamental e Aplicada, ligados à Western Michigan University. Conheci, por intermédio dele, Jack Michael, Charles Ferster, Louise Kent, Richard Malott e outros. Nos finais de tarde, com um “*very dry Martini*” como só ele sabia fazer, discutíamos meus planos futuros e meu desejo de me aprofundar em pesquisa básica. Prof. Keller foi contra: “*You have to deal from your strength.*” Então, “fui mandada” por ele de volta ao Brasil com a incumbência de “criar algo novo”.

Por coincidência feliz, logo surgiu uma grande oportunidade. Junto com a pedagoga Celma Cênamo, fundamos, em 1972, a “Escola da Carminha” (Centro de Aplicação e Reabilitação do Excepcional - CARE) para crianças e jovens com severas deficiências de desenvolvimento intelectual, motor, síndromes neurológicas. Visávamos unir nossa

filosofia de ação à metodologia baseada na aplicação dos conceitos da Análise Comportamental. Partimos do zero. Os poucos modelos estrangeiros existentes na ocasião não podiam ser transpostos diretamente para nosso meio, dadas as diferenças históricas, condições econômicas, tecnológicas e culturais.

Assim, partimos do repertório das crianças que a nós vinham como alunos. Elaboramos avaliações em que as suas necessidades e as do seu ambiente mais próximo fossem analisadas e as expectativas levadas em consideração. Tivemos que recorrer ao nosso próprio “*know-how*”, à criatividade e ao bom senso dos participantes, na procura de utilizar o conhecimento existente para abrir novos caminhos de trabalho com o aluno excepcional.

Os próprios dados, oriundos da aplicação dos programas, das observações feitas, bem como o funcionamento geral da instituição, nos levaram a modificações repetidas. Resultados de pesquisas, sempre que pertinentes, foram aproveitados na revisão dos programas. Funcionalidade e manutenção do aprendido, bem como generalização para o ambiente maior foram planejadas.

Em relação à equipe, também havia uma proposta inovadora. Visávamos um trabalho transdisciplinar, aproveitando-se os conhecimentos dos vários técnicos, fonoaudiólogas, fisioterapeutas, para maximizar as oportunidades de aprendizagem dos alunos. Essa proposta exigiu uma troca mútua de conhecimento e ensino continuado¹¹.

A CARE abriu as portas a estudantes de Psicologia, propiciando oportunidades de treino e desenvolvimento. Várias teses de mestrado e doutorado foram realizadas nela, enriquecendo nossos conhecimentos do excepcional e de procedimentos de ensino. Sempre consideramos que, no estado de nossos conhecimentos, na época, os elementos da tríade – ação educacional, atualização contínua e pesquisa – deveriam caminhar juntos.

Ano a ano, o número de alunos foi aumentando, junto com o desenvolvimento dos programas de ensino, que, ao final de 15 anos foram publicados, em 1988, no livro “*Passo a passo, seu caminho*”¹².

É preciso comentar, no entanto, que colocar nossa proposta em prática nem sempre foi fácil. Enquanto grande parte dos educadores da CARE aderiu com entusiasmo à mesma, houve também resistência. A exigência de seguir a programação em seu detalhamento, de fazer registro, foi sentida como uma restrição ao trabalho do professor, acostumado a maior independência. Também alguns pais, inicialmente, duvidaram: “Querem condicionar meu filho”. No entanto, os resultados mostraram que os procedimentos e as propostas eram válidos e suplantaram as vozes negativas.

O que nos venceu, após 15 anos, foi a crescente dificuldade financeira para manter a escola no mesmo nível, com classes pequenas, tendo educador, atendente e outros profissionais, dificuldade que exigiu redução de despesas e conseqüente perigo de redução de qualidade. Foi quando me desliguei.

¹¹ Ver descrição mais detalhada em: Windholz, M. H. (2012). Aprendendo a ensinar crianças especiais: Passo a passo se fez um caminho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4 (3), 257-267. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17051>

¹² Windholz, M. H. (2016). *Passo a passo, seu caminho: guia curricular para o ensino de habilidades básicas*. (2ª ed. rev., atual. e ampl.). Edicon.

5) Fale um pouco sobre o livro “Passo a passo, seu caminho. Guia curricular para o ensino de habilidades básicas”¹³, que se tornou um livro fundamental para professores e pais de uma população especial.

O livro “Passo a Passo” foi o primeiro e é o único guia curricular brasileiro, para ensinar o que chamamos de habilidades básicas, à população de crianças e jovens com deficiências, baseado nos princípios da Análise do Comportamento. É uma obra essencialmente didática de leitura fácil, enriquecida com uma diagramação elaborada, que aumenta a clareza das informações.

O livro é dirigido a todos aqueles – profissionais, professores, atendentes e pais – que lidam com essa população especial. Resultou de 15 anos de pesquisa e trabalho na Escola da Carminha (CARE) e em clínica, em contato direto com crianças e jovens.

Seu objetivo é oferecer aos educadores uma orientação sistemática, a ser desenvolvida, se possível de maneira inter e transdisciplinar, sobre como instalar habilidades básicas essenciais, que tornem, a criança ou jovem, independente e competente para a realização de tarefas fundamentais e rotineiras.

“Envolve a aquisição de comportamentos e habilidades básicas em si mesmo, e básicas para a aquisição de outras habilidades e aprendizagem, desenvolvimento de habilidades de senso-percepção, contato visual, comportamento exploratório, procura de objetos, uso funcional de brinquedos,

dramatização, imitação motora, comunicação, compreensão verbal, de expressão verbal e gestual, de expressão e reconhecimento de sentimentos e desejos, emparelhamentos e atividades de vida diária. Os diferentes programas se interpenetram em seus repertórios e pré-requisitos recíprocos, seguindo porém uma gradação cuidadosa e sucessiva e cumulativa, que permite um avanço seguro e recompensador, quer para o aplicador do programa, quer para o aprendiz envolvido.”¹⁴

A partir dos 18 programas, minuciosamente descritos, e da explicitação dos princípios teóricos que fundamentaram a elaboração do guia, será possível ao educador derivar estratégias para o ensino de habilidades mais complexas, acadêmicas e ocupacionais.

A descrição dos programas é precedida de 3 capítulos. No *primeiro* visa-se apresentar nossa concepção de currículo e guia curricular, o elenco programático e para quem serve o guia-curricular. O *segundo* familiariza o leitor com o “molde” adotado para colocar todas as informações que consideramos necessárias para guiar a aplicação dos programas. No *terceiro* capítulo, que chamamos de “Apoio técnico”, encontram-se princípios básicos da Análise Comportamental, bem como sugestões de como coletar e analisar o registro dos dados obtidos.

O livro está redigido de modo essencialmente didático e também pode ser aplicado a pessoas que não tenham limitações.

¹³ NE. As edições desse livro foram lançadas pela Edicon, a primeira, em 1988 e a segunda, em 8 de setembro de 2016, em Foz do Iguaçu, durante a XXV Reunião da ABPMC, que lhe prestou uma homenagem, e a 3ª edição saiu em 2018, com dois textos novos. Um, desse Editor, que resume as principais contribuições de Maggi para o desenvolvimento da AC no País e outro, da Maggi, enumerando os passos percorridos e os por percorrer, passos que ela julga importantes para o pleno desenvolvimento da AC no Brasil.

¹⁴ Matos, M. A. (1989). A criança excepcional e o aprendizado de habilidades básicas. *Ciência e Cultura (SBPC)*, 41(3), 308-309. <http://memoria.bn.br/docreader/003069/53912>

6) Você foi a primeira pesquisadora e analista de comportamento a documentar o uso da AC na intervenção de pessoas com transtorno do espectro autista no Brasil, num estudo longitudinal de mais de 20 anos. Como foi para você realizar este tipo de estudo? Que dificuldades você enfrentou?

“‘Rodrigo’ tinha 5 anos e três meses quando me foi encaminhado e por mim diagnosticado como autista, em 1970. Criança fisicamente bem desenvolvida. Conforme os pais, sua alimentação consistia de leite, dado em mamadeira ou mingaus, bolachas, doces e chocolates. Frente a demais alimentos, apresentava ânsia de vômito. Sem contato olho-no-olho, não tomando conhecimento das psicólogas na sala que ali estavam, explorou a sala da clínica. Sua linguagem não era funcional e frequentemente incompreensível. Ecolalias imediatas e retardadas, repetia palavras e *jingles* de propagandas da televisão. Sem controle esfinteriano, usava fraldas. Movimentos estereotipados e comportamentos auto lesivos, batendo a cabeça no encosto da cama. Crises de birra violentas ao ser contrariado. Tinha aprendido a ler por si, surpreendendo o pai lendo jornal, ao dizer: “o avião caiu, morreram 20 pessoas”. Sua leitura constituía-se basicamente de anúncios de jornal e listas telefônicas. Seus pais, de família humilde e nível socioeconômico precário, sentiam-se perdidos diante dos seus comportamentos e mostraram-se abertos para as orientações recebidas”. (Windholz, 1992)¹⁵.

Fiquei fascinada pela oportunidade de usar os conhecimentos adquiridos pelas minhas leituras sobre tratamento de crianças autistas dentro da linha de Análise Comportamental, embora nunca antes postos

em prática por mim, mas confiante em função da minha experiência clínica.

Convém dizer também que esse trabalho só foi possível quando, com criatividade e com a colaboração de muitos profissionais, conseguimos criar condições de atuação onde nada existia. Tive a colaboração da Profa. Maria Ighes Rocha e Silva, que tinha voltado de um estágio em Linwood, USA, com Charles Ferster, bem como do Prof. Mário Guidi, colega de Departamento no IP-USP, e de Sandra Bettoi, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Os progressos de Rodrigo foram notáveis. De etapa em etapa, de escola em escola, com meus auxiliares e terapeutas amigos, fizemos um trabalho colaborativo. Nas diversas escolas que Rodrigo frequentou, a direção nos possibilitou intervir diretamente e orientar os professores, embora não aceitassem a linha comportamental para outros alunos, que dela pudessem aproveitar. O maior problema que tivemos foi custear as escolas particulares que Rodrigo frequentou, o que consegui com ajuda de amigos.

Rodrigo completou os estudos de 2º grau (fazendo supletivo) e cursou a Faculdade de Comunicação. Em vista de grande habilidade para desenho, verificada ao longo dos anos, e com o apoio da pedagoga Celma Cênamo, quando adulto foi por ela contratado para elaborar material pedagógico para a escola dela.

O caso e o tratamento inicial de Rodrigo foram descritos por mim em “*Autismo Infantil:*

¹⁵ Windholz, M. H. (1992, 16 de julho). *Trechos da vida de um autista: uma história que merece ser contada* [vídeo]. 44ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência-SBPC. São Paulo, SP.

*Terapia Comportamental*¹⁶, e no trabalho *“Trechos da vida de um autista”*.¹⁷

Em 2008 meu marido e eu mudamos do Brasil para Israel, no que chamamos “Nova vida aos 80”, para conviver com nossos filhos e netos lá radicados. Nesse país, eu esperava continuar a trabalhar e conseguir reeditar o *“Passo a passo”*. Esse ideal só começou a ganhar forma a partir de janeiro de 2016, quando a Editora Edicon, de São Paulo, se mostrou interessada em fazê-lo.

Minhas dúvidas quanto à validade de reeditar o livro, lançado em 1988, foram dissipadas pelo apoio recebido de professores e colegas de diversas universidades, que consideraram o livro “atemporal”¹⁸. O livro destina-se a ajudar profissionais e pais a desenvolver programas de habilidades básicas para crianças e jovens com os mais diversos problemas de desenvolvimento, deficiência mental, deficiências físicas e autistas. O livro despertou especial interesse para o atendimento de autistas, tendo sido considerado por muitos, aliás, como escrito para autistas. Mas também pode ser aplicado a pessoas que não tenham limitações.

7) Baseada em sua experiência, você diria que a AC é a mais recomendada para o ensino de crianças e jovens que demandam uma educação especial?

Não tenho dúvida em responder afirmativamente a esta pergunta. Desde as primeiras demonstrações científicas, seguidas

de uma quantidade imensa de resultados positivos, em escolas, clínicas e trabalho direto individual, com pessoas com deficiências, confirmamos a validade e superioridade desta abordagem no tratamento de pessoas com deficiências.

Constantes pesquisas vão enriquecendo nossos conhecimentos a cada momento e instrumentando-nos melhor. Mudanças comportamentais de amplitude, grau e ritmo surpreendentes foram obtidas com os conhecimentos adquiridos, a ponto de alterar nossas expectativas em relação às possibilidades de desenvolvimento desta população.

Digo mais. Temos uma tecnologia de ensino, baseada em sólidas bases científicas, que deveria ser estendida amplamente às práticas de ensino nas escolas e instituições para a população normal. E, com certa tristeza, constato ser lamentável que, como analistas de comportamento capazes, não temos sido mais eficazes neste sentido. É preciso assumir uma atitude mais assertiva e ao mesmo tempo projetando uma imagem mais simpática do analista comportamental. Porém, com alegria, vejo no Brasil passos louváveis nesse sentido.

8) Em setembro de 2016, durante a XXV Reunião Anual da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC) você foi homenageada por seu 90º aniversário e por suas contribuições para o desenvolvimento no Brasil da Análise Comportamental Aplicada e nele lançou a 2ª

¹⁶ Windholz, M. H. (1995). Autismo infantil: terapia comportamental. In J. S. Schwartzman, & F. B. Assumpção Jr. (Orgs.). *Autismo infantil* (cap. 10, pp. 179-210). Memnon.

¹⁷ Windholz, M. H. (1992, 16 de julho). *Trechos da vida de um autista: uma história que merece ser contada* [apresentação da conferência]. 44ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência-SBPC. São Paulo, SP.

¹⁸ NE. Entre outros, foram consultados, da UFSCar: Deizy de Souza e Antônio Celso de Noronha Goyos; Maria do Carmo Guedes (PUC-SP); bem como as colaboradoras da primeira edição: Sônia Beatriz Meyer (IP-USP), Ana Lúcia Cortegoso (UFSCar) e Célia M. C. Gonçalves Loch (Grupo Condutor da Rede de Atenção Psicossocial da Baixada Santista).

edição do seu livro “Passo a Passo”. Como foi esse encontro para você, depois de oito anos fora do País?

Difícil descrever minha emoção. Foi uma oportunidade de estar com a “velha guarda”, “os filhos de Keller”, com colegas e amigos em posições proeminentes e de direção, no mundo acadêmico e profissional, responsáveis por colocar a AC em ponto de destaque no Brasil e no mundo, com uma profícua produção de pesquisas e contribuições para a formação das novas gerações.

Cada abraço, uma lembrança de atividades, lutas, projetos, realizações. O encontro com a nova geração – os “netos e bisnetos” de Keller. Mais de 1.300 participantes e uma programação extensa e variada. Ao mesmo tempo, ver reconhecido e tido como pioneiro o meu trabalho na introdução da AC no Brasil foi muito gratificante. Semeei e colhi!

9) Ao ser homenageada pela ABPMC, na XXV Reunião Anual, em sua fala, você apontou, em uma analogia com o seu livro, os passos que já foram percorridos pela Análise do Comportamento e os que ainda faltam percorrer. Você pode discorrer sobre isso?

Por ocasião da mencionada homenagem, contei um episódio ocorrido na “Escola da Carminha” (CARE), em 1974 e descrito no meu livro.

“Reunião mensal da equipe técnica, na qual mostramos os programas e analisamos os resultados dos alunos. Para terminar, mostramos um vídeo evidenciando os progressos obtidos. Alegria geral de toda equipe de educadores.

À noite, reunião com os pais. Visita às classes, discussão sobre os programas de cada aluno, apresentação dos gráficos de seus progressos. No final, mostramos o vídeo do

passeio que tanto entusiasmo provocou nos professores. Mas, ao contrário do que ocorreu na parte da manhã, não houve manifestações de alegria. E sim gelo total.

Fiquei desolada. Não entendi. Celma Cênamo, diretora e mãe, mais sábia que eu, explicou: ‘O que aconteceu foi que os professores viram os passos andados. Os pais viram os passos que faltam andar’”.

Algo que precisamos sempre lembrar!

Usei este relato para fazer uma análise dos passos percorridos na área de Análise Comportamental desde o lançamento da 1ª edição do livro, em 1988, e desde minha mudança para Israel, em 2008, e também dos passos que faltam andar.

Para minha alegria, constatei que os passos andados foram muitos. Bastava, aliás, ver o sucesso da XXV Reunião, em setembro 2016, com mais de 1.300 participantes de todo o Brasil e também de alguns países da América do Sul. Variedade de cursos, seminários, mesas redondas, com uma profusão enorme de temas abordados. Nas universidades, o número crescente de mestrandos e novos mestres, doutorandos e novos doutores. Cursos de especialização de qualidade em diversas cidades do Brasil, presenciais e *on-line*, aumento de analistas de comportamento atuando em clínicas espalhadas por todo Brasil e na América do Sul, sobre ABA, método TEACCH e Currículo Funcional Natural.

Ao mesmo tempo, constatei que muitos passos faltam andar. Falando de apenas uma área, a inclusão escolar, mostrei que, apesar das leis que exigem inclusão da pessoa com necessidades especiais nas escolas, isto não garante resultados positivos desta inclusão. Muitos alunos por classe, falta de formação específica do corpo de professores e a ausência de aplicação de uma metodologia baseada em conceitos teóricos fundamentados, como a

Análise Comportamental. Portanto, há necessidade de dar aos educadores uma formação que permita sucesso na sua tarefa. Como também há necessidade de lutar contra o preconceito de muitos pais contra a pessoa diferente.

Vi aqui, portanto, um campo de atuação importante para a comunidade dos analistas de comportamento, trazendo seus conhecimentos e instrumentos para um trabalho não somente de atendimento um-a-um, que chamei “trabalho a varejo”. Garantir melhor habilitação dos professores, uma mais eficaz organização escolar, programação curricular, criando as condições específicas necessárias para garantir resultados promissores, o que chamei de “trabalho por atacado”. A criação, junto às escolas, de grupos de apoio aos pais e à família, num trabalho conjunto: profissionais, pais e comunidade escolar.

E esta é apenas uma das áreas que abrem possibilidades de uma atuação positiva para os analistas de comportamento.

10) Seu filho Ari acaba de desenvolver o blog Magwinblog.wordexpress.com. Que

Histórico do Artigo

Recebido: 18/08/2022.

1ª Decisão: 23/08/2022.

Aprovado: 23/08/2022.

Como citar este documento:

APA

Santos, B. C., Júnior, A. R. F. (2022). Entrevista Margarida Hofmann Windholz. *Espectro - Revista Brasileira de Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo*, 1(1), 91-101.

ABNT

SANTOS, Bruna Colombo dos., JÚNIOR, Amílcar Rodrigues Fonseca. Entrevista Margarida Hofmann Windholz. *Espectro - Revista Brasileira de Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo*, v.1, n.1, p. 91-101, ago. 2022.

atividades você gostaria de desenvolver nesse blog?

Ele já está ativo. Ari montou esse Blog porque sabe que, mesmo estando com 90 anos, eu permaneço interessada em continuar atuando, no campo da Análise Comportamental Aplicada, como sempre fiz.

Imagino colocar nele algumas sugestões de temas que continuam importantes na área da Análise Comportamental Aplicada e esperar pelo interesse (ou não) dos que visitarem o Blog.

11) Existe algum livro, artigo ou capítulo de Skinner que seja seu favorito?

Toda obra de Skinner é importante e, assim, também foi significativa para meu desenvolvimento científico e profissional. Como educadora e ativista comunitária, saliento dois: *Science & Human Behavior* e *Beyond Freedom & Dignity*, acreditando que deveriam ser leituras obrigatórias para todas as pessoas ativas na educação e vida pública, em prol de um mundo melhor.